

ECONOMIA

Desemprego jovem cresce apesar da recuperação do trabalho

Formação desadequada às necessidades das empresas, retoma do emprego em sectores pouco qualificados ou as alterações às regras dos estágios ajudam a explicar que um quarto dos jovens portugueses continue desempregado

Emprego Raquel Martins

Portugal foi o país da União Europeia onde o desemprego jovem mais cresceu entre Setembro e Outubro do ano passado (de 24,6% para 25,6%), em contraciclo com a tendência de descida registada na maioria dos países. Ainda é cedo para dizer se esta tendência veio para ficar ou se estamos perante uma subida pontual – algo que o Instituto Nacional de Estatística (INE) ajudará a explicar com os dados mensais que serão divulgados nesta segunda-feira. Há, porém, um conjunto de factores que podem justificar que um terço dos jovens continue desempregado: a desadequação entre a formação e as necessidades das empresas, a retoma do emprego em sectores que não valorizam as qualificações mais elevadas ou a reformulação dos estágios apoiados pelo Estado.

Já no terceiro trimestre de 2017, contrastando com a redução da taxa de desemprego global e com a melhoria generalizada do mercado de trabalho, se tinha verificado um agravamento do desemprego na população jovem em comparação com o trimestre anterior, interrompendo a descida em cadeia verificada desde o arranque no ano.

O Governo não vê na evolução mais recente do desemprego jovem uma tendência consolidada, por considerar que na comparação homóloga este indicador continua a recuar. “Tenho alguma dificuldade em acompanhar a leitura de que o desemprego jovem esteja a evoluir em contraciclo com a evolução global do mercado de emprego”, diz ao PÚBLICO o secretário de Estado do Emprego, Miguel Cabrita. “Se olharmos para os últimos dois anos tínhamos uma taxa de desemprego jovem que estava acima dos 30% e no terceiro trimestre de 2017 tínhamos 24,2%, em linha com a evolução da taxa de desemprego global. Houve alguns meses uma evolução em

cadeia positiva, mas é normal que aconteça”, justifica.

Além disso, nota, com a redução do número de inactivos desencorajados, muitas pessoas poderão ter passado para o emprego e outras terão voltado a procurar trabalho, passando à categoria de desempregados no inquérito do INE, algo que poderá influenciar as estatísticas. Miguel Cabrita não nega, porém, que a taxa de desemprego jovem “ainda é elevada” e “uma preocupação”.

Já o economista João Cerejeira atribui alguma relevância à subida recente em contraciclo com a melhoria generalizada do mercado de trabalho. “Continuamos a ter uma taxa muito elevada de desemprego jovem e inverteu-se a tendência de descida deste agregado. Nesse sentido é preocupante”, alerta.

E adianta algumas hipóteses para o que está a acontecer: “Há que desatringar se esta evolução tem mais a ver com a estrutura da economia, ou se decorre de outros factores como a alteração das regras dos estágios profissionais em meados de 2017”.

Formação desadequada

A adequação entre a formação que é dada aos jovens e as necessidades das empresas é, para João Cerejeira, outro aspecto relevante que pode explicar parte da “não descida do desemprego jovem”.

Esse problema é, segundo o economista, muito visível na indústria transformadora que, a par da restauração e do turismo, está entre os sectores que mais têm criado emprego. “Só não está a criar mais, porque não tem encontrado na oferta de trabalho jovem o perfil adequado para as funções de que precisa”, nota.

Vários factores contribuem para esta dificuldade – que não é exclusiva da indústria. Por um lado, frisa o investigador da Universidade do Minho, “é bastante difícil fazer a adequação entre a formação profissional e as necessidades das empresas

porque há problemas de escala”, obrigando a abrir cursos para 20 cozinheiros, por exemplo, quando as empresas de determinada região só necessitariam de dez, mas depois precisam ainda de cinco torneiros mecânicos e de cinco electricistas.

Por outro lado, a formação profissional feita nas escolas de ensino regular não dá resposta à procura das empresas que está a crescer mais.

Finalmente, a disponibilidade de mão-de-obra para determinadas actividades tem a ver com a própria escolha dos jovens. E, actualmente, “olhar para o trabalho na indústria é um pouco como as gerações anteriores olhavam para o trabalho na agricultura”, destaca o investigador.

O secretário de Estado do Emprego alerta que no sector industrial, “mais dependente de uma geração de trabalhadores formados nas antigas escolas industriais” é preciso garantir que a renovação geracional não leve a um esvaziamento de competências. Enquanto noutros sectores, em particular quando se trata de empresas com práticas de trabalho inovadoras, há efectiva escassez.

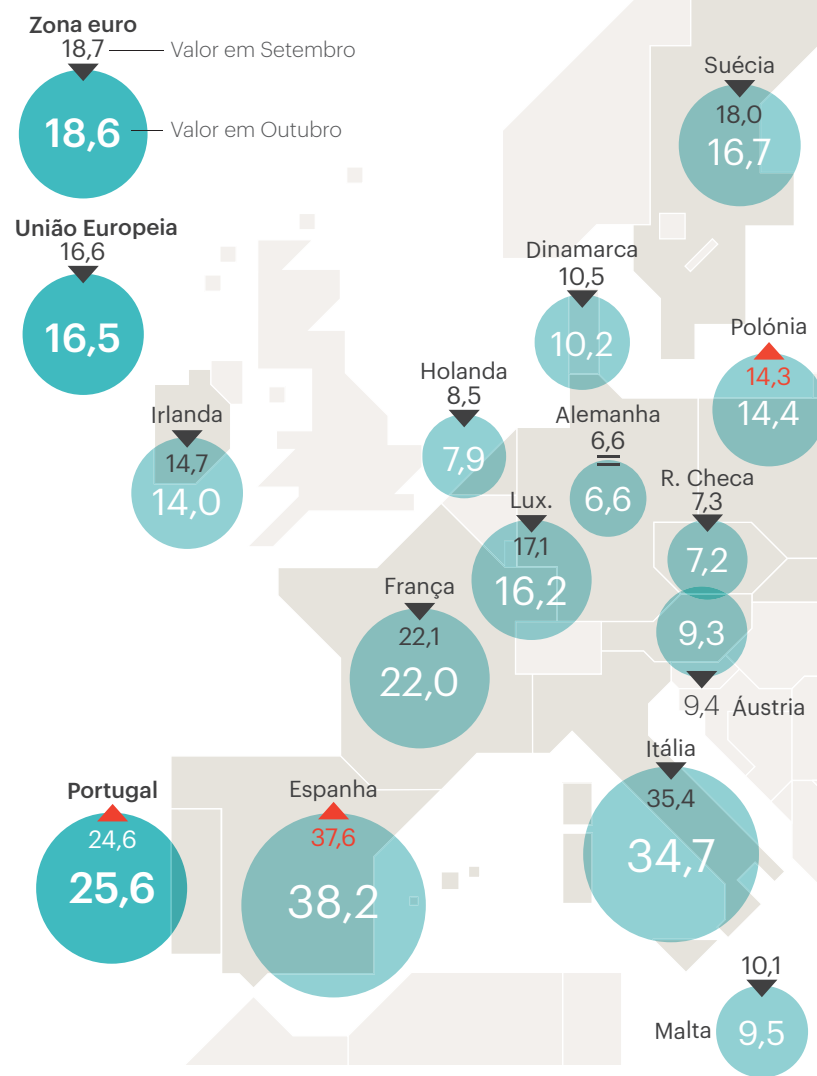
José Reis, economista e investigador do Centro de Estudos Sociais, concorda que há alguma desadequação, mas alerta que é preciso olhar para outros factores, em particular a qualidade do emprego disponível e a crescente terciarização da economia.

“Ainda esta semana ouvimos a restauração e o alojamento queixar-se de que faltam 40 mil trabalhadores. A pergunta seguinte devia ser: que salários e que emprego se está a oferecer e, infelizmente, sabemos a resposta sem grande margem de erro. São sectores que oferecem salários baixos e precariedade”, destaca.

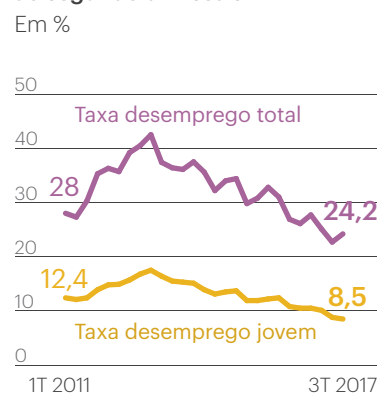
É certo que o mercado de trabalho tem registado melhorias assinaláveis, “mas temos um problema persistente relacionado com o sistema de emprego pouco qualificado e precário”. E essa questão está, para o economista da Universidade de Coimbra, relacionada com os sec-

Retrato do desemprego jovem em Portugal

Portugal entre os países com mais elevada taxa de desemprego jovem



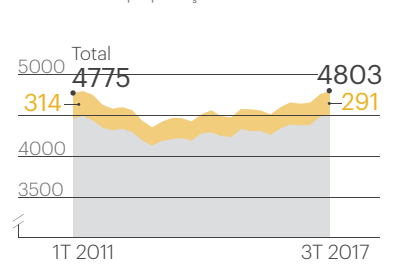
Desemprego jovem subiu face ao segundo trimestre



Emprego jovem tem vindo a acompanhar o crescimento generalizado do emprego

Em milhares de empregados

■ População empregada jovem
■ Restante população



Os jovens pagam o preço dos custos da entrada no mercado de trabalho

Miguel Cabrita
Secretário de Estado do Emprego

“É expectável que se agravem as dificuldades de recrutamento das empresas”

Entrevista Raquel Martins

Miguel Cabrita, secretário de Estado do Emprego, reconhece que a taxa de desemprego jovem em Portugal “ainda é elevada” e que é preciso repensar a eficácia da formação ao nível sectorial, para evitar um esvaziamento de competências.

Apesar de na comparação homóloga o desemprego jovem estar a diminuir, os dados mais recentes apontam para um aumento da taxa do segundo para o terceiro trimestre de 2017, em contraciclo com a redução global. Por que é que isto está a acontecer?

Tenho alguma dificuldade em acompanhar a leitura de que o desemprego jovem esteja a evoluir em contraciclo com a evolução global do mercado de emprego. Se olharmos para os últimos dois anos tínhamos uma taxa de desemprego jovem que estava acima dos 30% e no terceiro trimestre de 2017 tínhamos 24,2%, em linha com a evolução da taxa de desemprego mais global. Houve nalguns meses, em termos de evolução em cadeia, uma

evolução positiva, mas é normal que aconteça.

A subida em cadeia entre Setembro e Outubro não é preocupante?

Não vejo nesses aumentos uma tendência consolidada, pelo contrário, a tendência de longo prazo é de melhoria clara da situação de desemprego dos jovens, em linha com o que se passa no mercado de trabalho em geral. Mas dito isto, a nossa taxa de desemprego jovem ainda é elevada e é uma preocupação. Os jovens pagam o preço dos custos da entrada no mercado de trabalho, ou seja, não têm ainda currículos muito preenchidos e não têm experiência profissional relevante.

Há alguma relação entre o elevado desemprego jovem e a diminuição do número de estágios apoiados pelo Estado?

Pode haver várias causas. Não nos parece que tenha a ver com a questão dos estágios. Onde pode haver alguma diferença – e aí é mais difícil separar os jovens de outros públicos – é nos fluxos entre as categorias de empregados, desempregados e inactivos. Tem havido um movimento geral em direcção ao emprego, mas também há uma

redução global dos inactivos desencorajados que voltam a procurar emprego e entram nas estatísticas como desempregados. Não quero com isto desvalorizar o problema, mas parece-nos uma explicação mais plausível.

Um dos entraves identificados pelos empregadores em alguns sectores tem que ver com a desadequação entre a formação dos jovens e as necessidades das empresas. Como é que este problema pode ser “atacado”?

No contexto que atravessamos, de progressiva diminuição do desemprego, e tendo em conta o défice estrutural do nosso país em matéria de qualificações nas gerações mais velhas e num quadro onde a mão-de-obra jovem e altamente qualificada é cada vez mais escassa, há uma expectativa muito real de, no curto prazo, se agravarem as dificuldades de recrutamento das empresas. Por exemplo, no sector industrial, onde o emprego tem um perfil etário mais envelhecido, mais dependente de uma geração de trabalhadores formados nas antigas escolas industriais e que hoje se aproximam da idade da reforma, há um desafio de fundo que passa por garantir que a renovação geracional não leve a um esvaziamento de competências. É por isso que a aposta na formação e capacitação das gerações futuras de profissionais (e também na reconversão das gerações de trabalhadores mais velhos) é tão importante para estes sectores.

Atravessamos um momento decisivo para a formação sectorial, não só do ponto de vista da programação financeira para o pós-2020, mas de um ponto de vista mais estrutural. Precisamos de promover uma reflexão de fundo sobre a eficácia da formação sectorial, sobre o seu potencial de antecipação de necessidades.

raquel.martins@publico.pt

tores que mais têm criado emprego e “que não são os mais tranquilizadores” do ponto das qualificações. E isso, reforça, “tem um impacto específico nos jovens”.

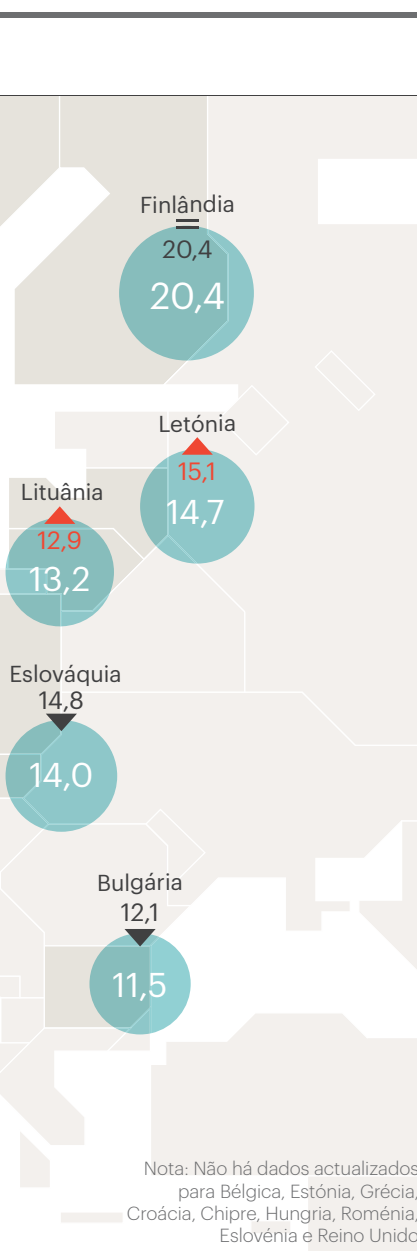
O facto de o desemprego jovem continuar elevado não significa que os mais novos estejam a ficar à margem da recuperação do emprego. Pelo contrário, tanto em termos homólogos como em cadeia, o emprego da população dos 15 aos 24 anos aumentou. Só do segundo para o terceiro trimestre registou-se uma subida de 16 mil novos postos de trabalho. A questão a que se refere José Reis prende-se com o tipo de emprego que está a ser criado e que, de acordo com os registos nos fundos de compensação do trabalho (uma maneira fiável de avaliar o novo emprego), apontam para trabalhos precários.

Estágios e confiança na escola

O economista João Cerejeira também não descarta que as mudanças no programa de estágios apoiados pelo Estado, em vigor desde meados de 2017, tornaram esta medida mais selectiva, reduzindo o número de abrangidos.

“A diminuição dos estágios concedidos fez com que o preço relativo de contratar um jovem tenha aumentado mais do que o dos outros grupos. É natural que tenha havido uma recomposição no perfil das contratações”, destaca.

O secretário de Estado do Emprego descarta essa hipótese: “Terminámos 2016 com cerca de 46 mil estágios aprovados e vamos terminar 2017 com 43 mil estágios.” Este são os dados mais recentes que diferem de forma significativa dos disponíveis no site do Instituto do Emprego e Formação Profissional que dão conta de uma redução de 7600 estágios entre Outubro de 2016 e de 2017. Além dos apoios públicos, há outra questão que João Cerejeira destaca como preocupante, que é o aumento do abandono escolar. Mas por que razão os jovens não concluem o secundário? Podia haver uma razão “positiva”, responde o economista, “como o mercado de trabalho está a recuperar e como há mais oportunidades de emprego as pessoas deixam de estudar e vão trabalhar”. Isso não parece estar a acontecer e “há claramente uma dificuldade de o sistema de ensino mostrar que tem valor”.



Evolução dos estágios subsidiados pelo IEFP N.º de jovens em estágios

